

MARTE-VIVA

Director: VICTOR SOUSA

SEMANARIO

ANO II — N.º 73 — Preço 3\$50 — 1/12/77

O ÊXITO QUE FOI O CINANIMA

— 7.000 ENTRADAS EM CINCO DIAS DE FESTIVAL



Empresa de Saneamento Básico

A SOLUÇÃO QUE TARDA

Já algumas vezes levantámos, nestas páginas, o problema da recolha de lixo em Espinho e nas freguesias, questão que, em vez de se ver resolvida, tende a agravar-se cada vez mais. Este agravamento chama imediatamente a juízo as duas partes mais interessadas no assunto: a população e os serviços camarários encarregados da recolha.

Quanto à população, poderá talvez afirmar-se que não se apercebeu ainda com clareza da importância do problema e, sobretudo, da gravidade que a situação poderá vir a atingir. E nós, todos aqueles que «fabricamos» as 15 toneladas de lixo que diariamente é recolhido na cidade, poderíamos ter uma significativa palavra a dizer para a resolução do problema. Valha a verdade que não tem sido feita qualquer campanha organizada no sentido de sensibilizar a população e levá-la a colaborar na resolução de uma situação de que é principal causadora mas, também, principal vítima. Mas não tenhamos dúvidas que tal acção de esclarecimento, acompanhada de medidas efectivas tendentes a resolver a situação, não poderá tardar se quisermos impedir uma ainda maior degradação da qualidade de vida numa cidade ainda bastante habitável como é Espinho. Tanto mais que não está afastada a possibilidade de a Fertor, que actualmente recebe o

lixo de Espinho, vir a diminuir a quantidade de lixo que absorve ou, até, recusar o lixo ido da cidade.

Porém, se a população permanece ainda pouco receptiva ao problema, maior é a responsabilidade dos serviços camarários em darem resposta a uma situação que lhes compete resolver. Em artigo que publicávamos semanas atrás, falámos do importante papel que poderá vir a caber, no capítulo da recolha do lixo, a uma Empresa de Saneamento Básico (E.S.B.), estrutura estatal a criar e cujos trabalhos de organização se desenrolam desde há muitos meses. Para sabermos ao certo o que virá a ser a referida ESB, e qual a importância que a sua criação poderá ter para os concelhos de Espinho e vizinhos, contactámos na sua sede, no Porto, o presidente da Comissão Instaladora, engenheiro Rodrigues Cardoso, que se dispôs a dar-nos uma rápida ideia do que se pretende ao criar a ESB.

Das informações que colhemos, concluímos que a ESB, cujo processo de criação foi já entregue para análise às entidades superiores, se propõe resolver de uma forma total os problemas de águas, esgotos e recolha de lixo numa área que abrange 23 concelhos (outras empresas semelhantes actuarão noutras áreas do País), em todas as povoações com

continua na página 6

Ainda em cima do CINANIMA 77, e sem que se possam avaliar todas as suas repercussões, podemos já afirmar: o CINANIMA foi um êxito. Um êxito pelo crédito Internacional que obteve. Um êxito pela participação do público. Um êxito pelo saldo positivo da organização, pelos apoios que conseguiu, pela qualidade dos filmes que apresentou, pela divulgação que fez do cinema de animação. Um êxito turístico também.

Tudo isto foi conseguido. Contra a incredulidade de muitos, a oposição calada dos que desejavam um fracasso. Ultrapassando as dificuldades, as limitações, os contratemplos. Usando a improvisação quando necessário. Sacrificando alguma coisa quando era preciso.

E o Festival foi grande, exigiu uma máquina capaz de não se deixar esmagar pelo seu tamanho. E havia a responsabilidade de não desmerecer dos apoios concedidos. Que foram muitos: a Associação Internacional de Cinema de Animação (ASIFA), a Organização Internacional dos Institutos de Cinema de Animação (BILIFA), a Federação Internacional de Cineclubes (FICC), a Secretaria de Estado da Cultura, a Gulbenkián, o FAOJ, o Instituto Português de Cinema, a Câmara e a Comissão Municipal de Turismo, os Festivais de Annecy, Zagreb e o Praiagolfe. Um mundo de departamentos que acreditaram e a quem era preciso mostrar que valeu a pena o seu apoio. Mostrando também aos que

continua na página 7

O HOSPITAL MELHORA

O hospital de Espinho vai ser enriquecido com importantes obras de ampliação de instalações ao mesmo tempo que se anuncia que a Comissão de Planeamento da Região Norte, em estudo de sua autoria, prevê a integração de Espinho na zona metropolitana do Porto.

São estas, certamente, duas novidades de impacto para quem se preocupe com a situação do hospital do concelho, que tem vindo aliás a alargar a prestação dos seus serviços a outras áreas. De facto, durante muito tempo a situação futura do hospital esteve

indefinida e se não está ainda totalmente clara, se continua a ser um hospital concelhio, há, pelo menos, novas perspectivas de valorização que são sempre de festejar. E não por qualquer bairrismo doentio de querer ser sempre mais do que os outros mas porque, sendo a saúde um direito de todos é ainda, e infelizmente, uma verdade amarga que o povo português continua a não beneficiar de uma situação satisfatória, neste como em outros sectores básicos. Portanto, tudo o que se

continua na página 2

Cinanima foi ocasião

Criada em Espinho a
Federação Portuguesa de Cineclubes

(Leia na página 5)



NOTÍCIAS

Lei de 1948 ou Constituição de 1976?

Na madrugada do passado dia 17 de Novembro e, quando militantes do Partido Comunista Português procediam à colagem de cartazes na rua 23 desta cidade, uma carrinha da P. S. P. interpelou-os exigindo identificação e afirmando que estavam proibidos de colar cartazes segundo uma postura municipal datada de 20 de Fevereiro de 1948.

Mesmo invocando o direito à liberdade de expressão e informação consignado no artigo 37.º da Constituição da República Portuguesa e demonstrando que não estavam a colar em edifícios públicos ou locais de afixação proibida, não conseguiram demover as autoridades da sua pretensão baseada na tal postura. Postura que o Presidente da Câmara Municipal de Espinho nunca tinha feito chegar

junto da P.S.P., conforme declarou a uma delegação do P. C. P., que se avistou com ele, no dia seguinte. Esta delegação também se encontrou com o comandante da P. S. P. informando-o do seu protesto contra atitudes que considera contrárias ao estipulado na lei fundamental do País.

Leis bolorentas nascidas num período da nossa História que o 25 de Abril de 1974 e a actual Constituição tornaram obsoletas são desenterradas para se sobreporem às leis actualmente vigentes. Será que a actual legislação precisa de ser completada com leis caducas de inspiração fascista ou estaremos perante mais um caso de doentio saudosismo empenhado em ressuscitar um passado que todos condenamos?

O Hospital melhora

continuação da página 1

possa conseguir, muitas vezes, até, é lamentavelmente, em despique com outros, é trunfo precioso para acorrer às necessidades concretas. E se o hospital de Espinho melhor puder desempenhar as suas funções, isso irá resultar em benefício directo de uma população que se estima na ordem das 40.000 pessoas.

As obras de ampliação foram decididas numa reunião entre elementos da Comissão Instaladora do hospital e responsáveis por diversos sectores do Ministério competente e prevêem nomeadamente, o aumento de instalações necessárias, a que o Centro de Saúde e os Serviços Médicos Sociais passem a funcionar junto ao hospital. Entre os serviços a integrar nas novas instalações salientamos: Saúde Materna, Saúde Infantil, Estomatologia, Saúde Escolar, Saúde Mental, Medicina do Trabalho, Posto de Radiologia Geral, Electrocardiografia, Pediatria, Casa Mortuária (com sala de

autópsias), etc.

Por outro lado, a integração na zona definida como área metropolitana do Porto irá também reflectir-se numa maior margem de acção para o hospital, que se vê, assim, ligado à 2.ª região do País quanto ao nível das instalações de saúde e se afasta de um grupo do hospital aqui próximos que não têm o seu futuro ainda devidamente definido. Muito embora isto só venha a ter efeitos práticos a médio ou, mesmo, longo prazo.

Funcionando talvez um pouco como compensação pela não passagem do hospital a distrital, não custa todavia admitir que as medidas anunciadas poderão trazer consideráveis benefícios para uma população que verá assim, e a curto prazo, espera-se. E dizemos curto prazo, espera-se, algo melhoradas as estruturas sanitárias que a servem. E dizemos a curto prazo porque se crê que as verbas necessárias às obras de ampliação serão atribuídas no próximo ano

INADAPTAÇÃO ESCOLAR

— Tema de um colóquio da Cerciespinho

A Cerciespinho (Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas), cónscia do grave problema que constitui a existência de elevada percentagem de crianças portadoras de deficiências várias (sensoriais, motoras, mentais etc.), promove no dia 6 do próximo mês de Dezembro, pelas 21 horas, no Salão Nobre da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Espinhenses, um colóquio,

orientado por técnicos do ensino especial e um médico pediatra, com o objectivo de proporcionar aos pais, professores e a todas as pessoas interessadas por estes assuntos uma reflexão sobre as causas de inadaptação escolar e as possibilidades de tratamento recuperativo, através de técnicas apropriadas.

A entrada é livre.

Povo Unido explica

A Frente Povo Unido de Espinho, num seu comunicado, dá conta das razões que impediram o total cumprimento do seu programa de reuniões com as populações das freguesias, para que os seus representantes na Câmara e Assembleia Municipal pudessem vir a interpretar as respectivas aspirações junto destes órgãos municipais.

Enquanto que em Paramos e Guetim as sessões se puderam efectuar graças à

compreensão das Juntas que cederam as suas instalações, já em Silvalde e em Anta não aconteceu o mesmo, pois os respectivos órgãos de freguesia decidiram não ceder os seus salões, numa atitude que por certo nada contribuiu para ajudar a resolver os problemas com que aí se debatem as populações.

Dia 2, Sexta-feira

«China Girl»

M/ 18 anos

«Espionagens» e «contra-espionagens» metidas ao barulho numa fita que só tem por fim a apresentação de cenas declaradamente pornográficas mas que, por «puritanismo» dos distribuidores, não são mostradas nas fotografias dos cartazes. Eles já sabem que somos todos uns curiosos...

Dia 3, Sábado

«O Sabor da Vingança»

M/ 18 anos

Este «western» é dos tais que se pode dizer que é servido «com todos os matadores». Por isso aqui fica a recomendação a todos quantos apreciam o género.

Dia 4, Domingo

«Que Fazemos Nós no Meio da Revolução?»

M/ 13 anos

A revolução mexicana ainda é motivo para Vittorio Gassman fazer de seu protagonista e daí nos permitir alguns momentos com certa graça. Sem ser de forma alguma espectacular, recomenda-se.

Dia 6, Terça-feira

«O Último Dever»

M/ 13 anos

Embora não dispondo de qualquer outra referência e apenas nos recordemos do pormenor de ter sido este o filme que proporcionou a Jack Nicholson o prémio da melhor interpretação, atribuído em tempos no Festival de Cannes, julgamos ser isso o suficiente para lhe dispensarmos a nossa atenção.



Dia 1, Quinta-feira

«Um Homem na Sombra»

M/ 13 anos

O mais recente filme do consagrado Joseph Losey, que desta vez trata a perseguição anti-semita efectuada e incentivada pelos nazis durante a II Grande Guerra. Pela notável qualidade a que aquele realizador já nos habituou dispensamo-nos de mais comentários.

farmácias

QUINTA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092

SEXTA — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

SÁBADO — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331

DOMINGO — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

SEGUNDA — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

TERÇA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092

QUARTA — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

Mare Viva

SEMANARIO

Director :
VICTOR SOUSA

Redacção :
RUA 62 N.º 251 - 1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

Propriedade :

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :

Agostinho Chaves, Ana Maria, António Letra, António Santos, Eduardo Oliveira, Eugénio Morais, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Morais Gaio e Victor Sousa.

Composição e impressão :

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

TRABALHO

LOUROSA



Semana de Solidariedade

Uma carta do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro

Da Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Aveiro recebemos a seguinte carta, em resposta a uma nota aqui há tempo publicada acerca de um Manifesto por uma Lista Unitária que circulou entre os trabalhadores metalúrgicos.

Evidente se torna que a extensão desta carta ultrapassa largamente a da referida nota (em que pouco mais se fazia do que citar o Manifesto) e que nela se cai em considerações que já não podem

ser entendidas como uma simples resposta.

A sua publicação na íntegra não se deve portanto à obediência a qualquer imperativo legal, mas resulta da sujeição ao princípio que o «Maré Viva» sempre defendeu de ser uma tribuna aberta à exposição pelos trabalhadores dos seus problemas, sendo certo também que o debate em torno da sua vida sindical não deixará por certo de interessar à maioria dos trabalhadores metalúrgicos da região.

Solicitamos ao abrigo da Lei da Imprensa o direito de resposta ao artigo intitulado «Metalúrgicos/Manifesto por uma Lista Unitária», inserto na secção «Trabalho», página 4 do n.º 67 Ano II de 20/10/77 do Jornal que Va. Exa. dirige.

Solicitamos o direito de resposta visto que o artigo contém falsidades e calúnias à actual Direcção do Sindicato.

Em primeiro lugar, esclarecemos que é falso que a «actual Direcção conseguiu adiar as eleições e começou já a sua campanha eleitoral».

É o artigo 75.º dos Estatutos do nosso Sindicato que diz: «As Eleições devem ter lugar nos três meses seguintes ao termo do mandato dos corpos gerentes.»

A sua marcação para os dias 20, 21, 22, 23 e 24 de Dezembro não são portanto nenhum adiamento. Muito menos foi o «temor das listas unitárias», como é mencionado no artigo que nos fez marcar as Eleições para Dezembro.

O que nos norteou foi a defesa dos metalúrgicos, ao procurarmos assegurar que as suas quotizações sejam descontadas pelo patronato, de molde a termos financeiramente um Sindicato Forte, que se destina a servir todos os metalúrgicos seja qual for a sua côr partidária.

Parece-nos que seria um erro interromper esta tarefa fundamental para o Sindicato, com uma campanha eleitoral.

No entanto, uma coisa é certa, É que caso fossem os signatários do Manifesto a Direcção do Sindicato, deixariam para trás a campanha das quotizações. Isto não é novidade.

É que os signatários do «Manifesto» colocam acima dos interesses dos metalúrgicos, os seus interesses de grupo. É este o motivo da pressa que têm na realização de eleições, independentemente da luta concreta que o Sindicato está a levar por diante.

A isto chama-se sectarismo.

Por isso mesmo chamam agora a formação duma «lista unitária» contra a actual Direcção que coloca á frente de tudo, a defesa dos metalúrgicos e que tem o apoio da sua maioria, como o demonstrou o referendo de Janeiro e a concordância quase unânime que receberam as suas propostas nos plenários dos Delegados Sindicais e de Empresa.

É aqui que o sectarismo e o divisionismo destes metalúrgicos fica bem evidente: Unidade contra a maioria, «lista unitária» contra a

maioria, para levar à divisão dos metalúrgicos de Aveiro e para deitar de lado a defesa concreta dos trabalhadores. A posição que que agora tomam no seu manifesto eleitoral vem na continuidade da sua recusa ao apelo à unidade feita pela Direcção nos plenários de delegados realizados em Águeda e Riomeão, para levarmos por diante em UNIDADE a campanha das quotizações e a aplicação da P.R.T. sem despromoções.

Acompanharam a sua recusa com um comunicado em 28 de Setembro em que acusam a Direcção de esbanjar os dinheiros do Sindicato. Isto precisamente em plena CAMPANHA DE QUOTIZAÇÕES.

Esta resposta foi mais do que uma posição sectária dum grupo minoritário e divisionista; foi um elemento de confusão, pois este argumento confundiu-se com o que foi utilizado pelo patronato na mira de convencer os trabalhadores a não descontarem para o Sindicato.

Atitude idêntica foi tomada por esta Comissão Coordenadora de delegados sindicais nas alturas mais difíceis para os trabalhadores, como por exemplo nas vésperas da greve nacional de Maio pelo nosso CCTV.

O que esta Comissão nunca fez foi fazer sair comunicado algum a chamar à luta e ao fortalecimento do Sindicato. Mas fez sair em contrapartida a comunicados desde Abril para cá, a caluniar a Direcção e a dividir os trabalhadores.

Então, não foram estes os impulsores da «participação efectiva dos metalúrgicos nas lutas que se desenvolveram no Distrito» como querem fazer crer, mas sim os sabotadores e divisionistas que procuram enfraquecer essas lutas e o Sindicato.

Esta é, pelo contrário uma política e uma actividade que cega e sectariamente não se importa de debilitar o Sindicato Forte que os metalúrgicos necessitam para as suas lutas.

Não pode portanto ser este grupo minoritário, sectario e divisionista que pode construir a UNIDADE necessária no Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro.

Estes são quem a tem sabotado e quer continuar a sabotar.

A unidade da direcção tem que ser construída na actividade concreta: dacampanha de quotizações e aplicação da P.R.T. sem despromoções e na adopção dum Plano de Luta que a nível nacional trave a ofensiva do patronato e do Governo,

Para nos falar sobre a Semana de Solidariedade Internacional que decorreu em Lourosa, numa organização da JOC (Juventude Operária Católica) contactámos o sr. Josué Carlos Soares Correia que, embora afirmando não ser a pessoa ideal para explicar o evento, se pôs à nossa disposição.

Começamos por uma definição geral do que é a JOC e quais os seus objectivos.

«A JOC é um movimento internacional de jovens trabalhadores essencialmente votado para as camadas mais jovens, e tem como objectivo final a realização plena do ser humano, como tal em todos os aspectos possíveis: económico, social, político, religioso, etc. O objectivo final, que só se poderá atingir após longas etapas, é a libertação total do jovem de toda a opressão.

Hoje cada vez mais os militantes da JOC são elementos abertos e inseridos nas grandes organizações dos trabalhadores, lutando lado a lado com todos os outros pela libertação da classe operária».

E como nasceu a ideia desta semana?

«A ideia nasceu a partir do Conselho da JOC Internacional realizado em Linz (Áustria) que decidiu organizar uma campanha de solidariedade internacional com a efectivação de um dia a isso dedicado. O movimento nacional entendeu que não deveria ser apenas um dia mas sim uma semana. A solidariedade seria expressa durante essa semana em contribuições monetárias e também em realizações formativas, sempre tendo como objectivo a divulgação de que a nossa vida de hoje tem cada

vez mais laços com outros povos e nações de todo o mundo (internacionalismo). O objectivo monetário será alcançado através da contribuição voluntária de todos os militantes da JOC com um dia de salário e ajudas que todas as pessoas que aderirem a esta realização quiserem dar.

Assim deitámos mão à obra, organizámos o trabalho, dividimos as tarefas. Na secção de Propaganda, à qual estou mais ligado, fizemos circulares de propaganda ao programa da semana e outras com intuito formativo a serem distribuídas aos assistentes.

Neste ano em que se comemora o 20.º aniversário da JOC e 10.º da morte do nosso fundador, os países escolhidos para esta semana internacional de solidariedade foram a África do Sul, as Filipinas e os E. U. A.».

E qual o programa da Semana Internacional?

«Teve início no domingo passado, 20 de Novembro, com uma exposição fotográfica e debate sobre repressão e ausência do cumprimento dos Direitos do Homem na África do Sul, com magusto no fim».

Na sexta-feira seguinte, às 21,30, no salão da Lourocoop projecta-se um filme que em princípio seria sobre o racismo, mas à última da hora tivemos que alterar para outro sobre a vida dos mineiros, além de um documentário sobre o «apartheid».

No domingo, 27, e a finalizar a semana, às 14,30, uma sessão de canto livre executada por jovens e para os jovens da região».

VIVENDA — VENDE-SE

EM ESPINHO — RUA 4 N.º 832

FALAR NO MESMO ENDEREÇO

OU PELO TELEFONE 921494

CASA RAICA

Modas e Confecções

RUA 62 N.º 101

ESPINHO

sempre apoiada na discussão e consulta dos trabalhadores nas suas fábricas.

É em torno a estes eixos que se pode conseguir a UNIDADE ao nível duma lista e duma Direcção que represente todos os metalúrgicos e seja a vanguarda da Luta na

defesa dos interesses dos metalúrgicos e de todos os trabalhadores a nível nacional.

Riomeão, 7 de Novembro de 1977

O Presidente da Direcção
Carlos Oliveira Alves Marçal

AS OPINIÕES DO JÚRI...

«Apostei na Nascente

... e ganhei a aposta!»



«Eu dei, desde o início, um certo apoio moral à organização do Festival. Eu apostei muito nestas coisas, e como sabia que a NASCENTE tem realmente o dinamismo suficiente para ser capaz de pôr de pé uma iniciativa destas, apostei mesmo. E tenho todo o gosto em dizer que ganhei a aposta, isto porque o Festival está a correr muito bem. Estou convencido de que é já um êxito e o alicerce para futuros festivais. É um Festival para ficar e crescer e mais tarde, com outras possibilidades económicas, começar a criar prestígio lá fora.

Mas por cá havia pessoas que estavam desconfiadas. E a prova disso é que os nossos respeitáveis críticos lisboetas não se dignaram pôr cá os pés. Espinho é uma coisa muito cá para cima, fica muito longe lá da capital, é na província, e não vale a pena ligar muita importância aos provincianos. Mas a gente não se importa nada com isso e faz as coisas que eles não são capazes de fazer. E isso é que importa, mais do que a presença da Imprensa. O que é importante é a realização do Festival e o êxito que ele tem de facto.

De salientar a presença de um leque bastante variado de filmes, focando vários assuntos, desde o tema político ao humor, o sentido crítico, a proposta didáctica. É uma palavra especial para as sessões dedicadas aos catraios, que foram uma maravilha, eles são um público maravilhoso. Aquela sala cheia de crianças a bater palmas e aos berros foi uma coisa deliciosa. Decerto foi também muito bom para os professores das escolas, pois talvez descubram que o Cinema de Animação tem extraordinárias potencialidades recreativas, didácticas e formativas.

Agora, é pensar já no CINANIMA 78. Estou convencido de que daqui a 2 ou 3 anos este Festival terá muita importância, até porque é o único em Portugal.»

(Alves Costa)

«Não foi um Sub-Festival»

«Para mim é muito interessante e muito importante que este Festival tenha sido organizado precisamente a partir de um cineclub, isto é, de uma associação cultural e não, como muitos que se fazem, com um fim comercial. Esta organização foi certamente um meio de o cineclub se mobilizar e se abrir para o exterior, tornando Portugal mais conhecido.

Quanto ao Festival em si acho, e isto é um cumprimento pois sou muito rigorosa, que se deve render homenagem à «Nascente» pela ótima organização. Devo dizer que este Festival de Espinho não foi um sub-festival onde se premiavam filmes não premiados noutros festivais. Pelo contrário, permitiu uma competição muito aberta.

Por tudo isto, foi um Festival muito interessante, sem pretensões de nenhuma espécie, não demasiado oficial, onde pudemos encontrar pessoas, cineastas e filmes, e não personalidades em uniforme.

No que se refere à criação da Federação Portuguesa de Cineclubes, considero-a um acontecimento importantíssimo. É fundamental que os cineclubes se unam, mesmo que não estejam de acordo em todos os pontos e tenham a sua própria originalidade. Pelo facto de se juntarem, não perdem a personalidade particular que caracteri-



za cada um. E há muitas coisas que não se pode fazer sozinho. Uma Federação é uma força mais poderosa, com capacidade face aos poderes públicos e às distribuidoras comerciais de cinema, sem as quais os cineclubes ainda não podem passar.

Mantendo-se isolados, os cineclubes correm o risco de se fechar sobre si mesmos e de cristalizar, perdendo a perspectiva dinâmica que está na base do seu trabalho. Além disso, a Federação Internacional dos Cineclubes só poderá dar uma ajuda efectiva aos cineclubes portugueses desde que eles estejam unidos em Federação.

(Hélène Blanc, francesa)

«Embora tendo sido mostrados bastantes filmes, julgo que houve uma distribuição equilibrada. Assim, tivemos muito tempo para fazer contactos, para conversar, para conhecer e trocar experiências. É muito positivo e só foi possível porque o CINANIMA foi um festival aberto, jovem, dinâmico, com um ambiente agradável. Há que manter estas qualidades!

Os filmes portugueses pareceram-

«Um Festival aberto, jovem e dinâmico»

-me um pouco fracos, sobretudo no campo das ideias. Seria bom que as pessoas se juntassem, fizessem trabalhos de equipa, necessariamente mais ricos, rigorosos.

Enquanto realizador, encontro na animação qualquer coisa de mágico que desde sempre me seduziu. Com o cinema animado experimentei emoções muito mais profundas do que num filme de actores. Por isso é que ele me agrada particularmente. Ao fazer cinema de animação sinto-me como um poeta.»

(René Laloux, francês)



«Para um 1.º Festival partiu-se muito bem, com as naturais lacunas de uma primeira experiência. O estrangeiro não terá talvez compreendido totalmente a dimensão e a importância deste Festival, e por isso não terá enviado ainda mais e melhores filmes. Mas no futuro, em face do que aqui se passou, os países vão reagir de modo diferente. De resto, esta é uma tentativa muito importante para Portugal e há que continuá-la. Foi notória a sensibilização de um grande número de pessoas.

Quanto aos filmes portugueses, são talvez um pouco decepcionantes se tivermos em conta o grande

«Muito importante para Portugal»

passo que o país deu com o 25 de Abril. O cinema de animação pelos vistos não deu ainda esse passo.

Estou muito interessado em seguir o desenvolvimento da vossa actividade e julgo que brevemente tereis o vosso lugar entre os festivais mundiais.»

(Gaston Roch, belga)

«Atribuo a este Festival importância excepcional como bom exemplo de descentralização cinematográfica. A este nível, Espinho deu uma lição a Lisboa. Mas não sei se grande parte dos habitantes de Espinho se aperceberam do que se estava a passar, e o que aqui se passou durante alguns dias foi um acontecimento de importância incalculável

Isto porque vimos filmes excepcionais, verdadeiras obras-primas. Até Espinho vieram diversas individualidades estrangeiras que permitiram um contacto extremamente frutuoso. Provavelmente, o resultado do Festival não se notará agora, nem nos meses mais próximos. Mas daqui a uns anos talvez haja pessoas que digam que foi em Espinho que viram pela primeira vez, Cinema de Animação, que foi Espinho que os levou a fazerem filmes animados.

É claro que houve falhas, mas não são de apontar, perante os resultados obtidos. As dificuldades que se verificaram deveriam-se certamente, a que este foi o primeiro Festival e, além disso, a equipa que o organizou era reduzida, não existindo várias estruturas que teriam facilitado o trabalho. Mas estou confiante em

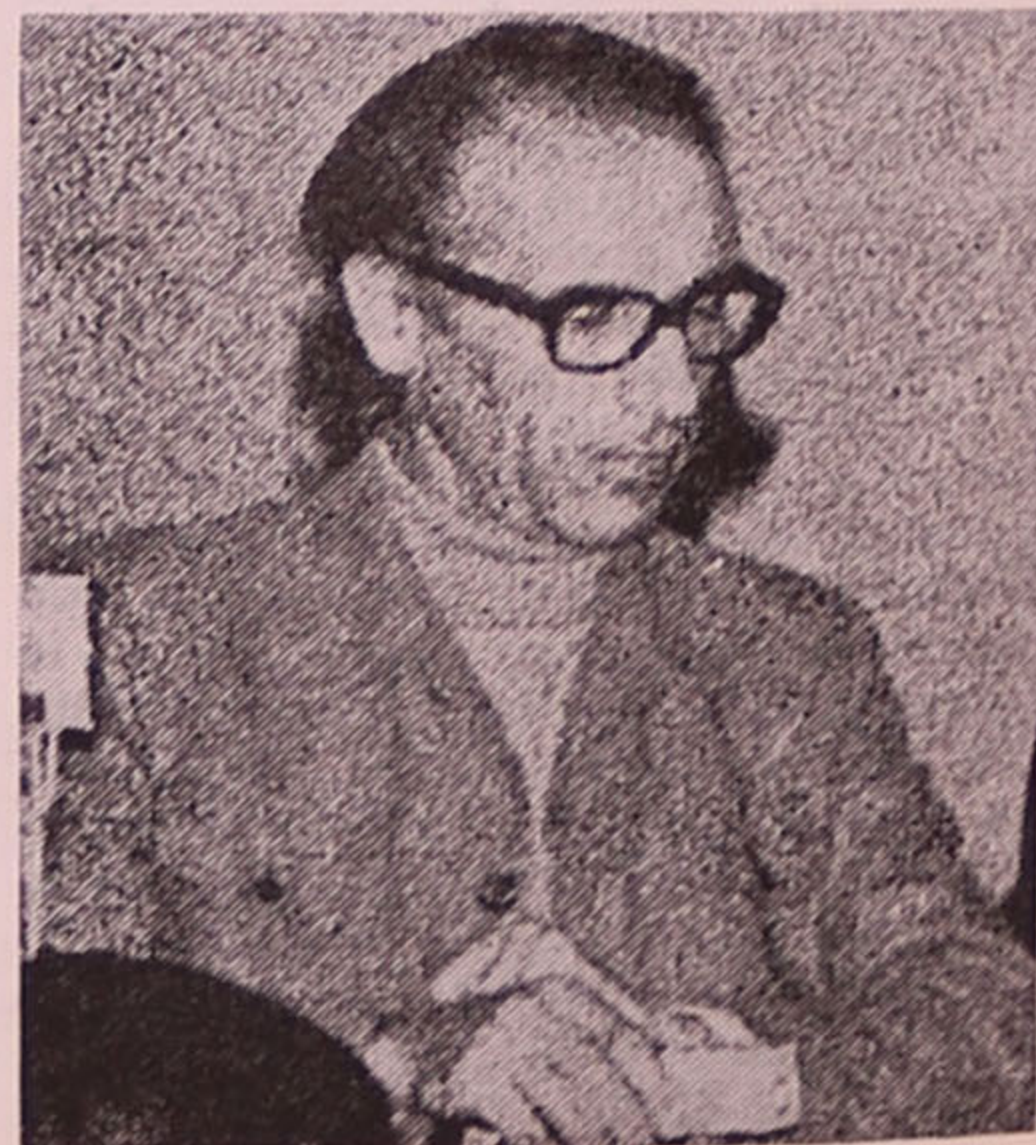
«Uma lição a Lisboa»

que o CINANIMA 78 será ainda melhor que o deste ano.

Quanto ao cinema português que vimos, é claro que não se pode pôr em pé de igualdade o Cinema de Animação feito em Portugal com o que se faz no estrangeiro. Com um nível cultural como o que se verifica no nosso País, como é que o Cinema de Animação português pode competir com o europeu, tanto mais que é uma expressão artística que exige muito dinheiro?

Para haver entre nós Cinema de Animação de qualidade há, primeiro, que o divulgar, torná-lo acessível aos jovens e, depois, o Estado terá de investir, através do Instituto Português de Cinema e dos Ministérios.»

(Vasco Granja)



...E NÃO SÓ!

Encontro de Cineclubes

«A minha opinião é pessoal. Considero que foi muito importante este Festival aqui em Espinho. E friso ESPINHO porque, face a uma descentralização cultural que se pretende fazer, este foi um grande passo em frente. Espinho fez um Festival de bom nível, mais de que isso, fez uma enorme festa onde as pessoas se encontraram.

Espero que se continue. Contra o que por vezes acontece nos festivais, conseguiu-se aqui captar uma enorme audiência que, mesmo em condições de pouca comodidade, seguiu entusiasmada todas as sessões, criticando e aplaudindo com sinceridade. Então as sessões para as crianças foram maravilhosas pela comunicação, pela espontaneidade, pela alegria.

Pessoalmente não sou muito por festivais, dada a conotação negativa que podem ter: exibicionismo das pessoas, para se verem umas às outras, pela importância que ocupam. Mas aqui em Espinho fugiu-se a isso de modo bastante decidido, o que me apraz. A «Nascente» preocupa-se em chamar todos os públicos para um trabalho de animação cultural.

Aproveito para dizer que passaremos no dia 30 de Novembro, no Palácio Foz, uma selecção de filmes do CINANIMA 77».

(Maria Guiomar, da SEC)



«Para um 1.º Festival, o CINANIMA pareceu-me correcto. Ambiente simples e aberto, sem protocolos, sem personalidades enfatuadas, com toda a gente misturada e comunicativa. É preciso conservá-lo assim!»

(Michel Gérard, francês)



«Não lamento ter vindo. Quanto ao nível de filmes, não me agradou assim muito. Havia muitos filmes difíceis de seguir; quando isso acontece em cinema de animação, acho que é um filme fracassado.

Tive a impressão de que alguns filmes eram feitos para festival, com os defeitos óbvios de competição, de comercialismo. Isso não me parece correcto. Como não acho que se deva apenas fazer filmes bonitos. É preciso que digam alguma coisa, e que o digam com muita clareza. Mesmo que a técnica seja muito boa, não basta. E não basta também fazer coisas novas só para se ser original, custe o que custar. É preciso mais».

(Auguste Bernard, francês)



Desde que soubemos do Festival acreditámos no seu êxito e por isso aqui estamos. E não estamos de modo nenhum desiludidos. A qualidade dos filmes é boa em geral, a organização também correspondeu e mostrou-se à altura e, além disso, fomos muito bem recebidos. Claro que houve pequenas falhas, a projecção pode ser melhorada, mas no conjunto, e para a primeira vez, excederam-se todas as expectativas. Estamos certos que o Festival pode e deve continuar e que ao fim de alguns anos poderá ter as suas características próprias no conjunto dos festivais europeus.

«Pensamos mesmo trazer uma representação mais forte no próximo ano, com uma retrospectiva da nossa produção e tentaremos que algum dos nossos melhores realizadores possa fazer parte do júri».

(Barbara Nowosad e Jeizy Kucia, polacos)



«É uma iniciativa com valor por parte da Cooperativa Nascente. Seduziram-me particularmente a organização, bastante adequada ao que se pretendia, e o nível das produções que vimos. Nem todas me agradaram, claro. Prefiro os filmes que facilmente mostram aquilo que têm a dizer, sem obrigarem a grandes explicações ou a um grande trabalho intelectual. O filme deve ser claro e provocar uma reacção interior em quem o vê».

(Jacques Charpenais, francês)



«A Cooperativa Nascente e a cidade de Espinho devem estar bastante satisfeitos com o êxito deste Festival, no fundo a denotar e a culminar o grande trabalho desenvolvido pela «Nascente» há quase 2 anos.

Por parte do FAOJ, sensibilizou-me em especial que as crianças não tivessem sido esquecidas e para elas se tivessem feito sessões especiais. Isso vai motivar muito os miúdos e alertar os professores para uma série de perspectivas novas de trabalho.

Nestas realizações é importante o contacto com os estrangeiros, com técnicas mais evoluídas, com óptimos aproveitamentos didácticos do cinema de animação. Tudo isso aconteceu aqui. Temos todos que estar contentes com este belo trabalho e... esperar pelo CINANIMA 78!»

(José Fragateiro, do FAOJ)

Paralelamente ao CINANIMA, desenrolou-se, também com organização da NASCENTE, um encontro nacional de Cineclubes. Entre as decisões tomadas salienta-se, pela grande importância de que se reveste, a criação da Federação Portuguesa de Cineclubes.

Espinho viu-se, na manhã do passado sábado dia 26, engalanada por cartazes de fundo azul com figuras em verde convergindo para o centro onde se lia: 9.º Encontro de Cineclubes Espinho 26, 27 Novembro 1977.

Anunciava-se assim mais uma reunião de cineclubes, convocada por uma comissão composta pelos cineclubes do NORTE, NASCENTE e UNIVERSITÁRIO DE LISBOA.

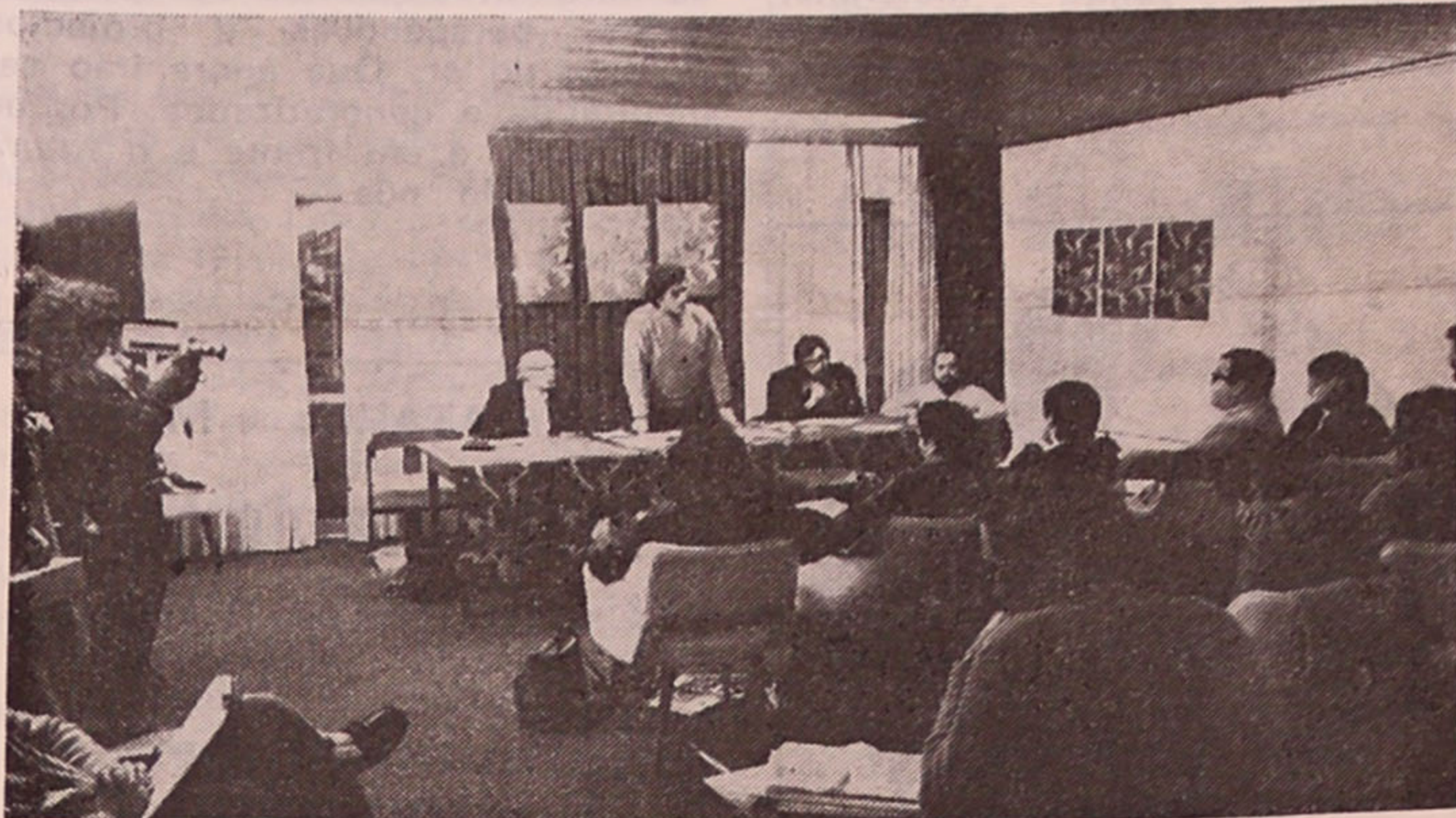
O movimento cineclubista, estrangulado por uma lei fascista datando de 16 de Abril de 1956 que criava uma federação-fantoches gerida por homens de confiança do Secretariado Nacional de Informação (SNI), aguardava oportunidade para se libertar desta aberrante ligação com o passado. Responderam 14 cineclubes, interessados na discussão da melhor forma de o conseguirem.

A proposta de um cineclubista presente:

40572, de 16 de Abril de 1956; 4) Necessidade de a Federação ser, na teoria e na prática, independente do Estado, dos partidos políticos e de todos os poderes que não resultem da livre expressão dos cineclubes seus aderentes», foi vista como solução.

Estão, portanto, de parabéns todos os amantes do cinema e da cultura, pois o movimento cineclubista está na vanguarda, desde o início deste século, dum trabalho que tem como objectivo lutar contra um cinema de consumo destinado a divertir as massas, afastando-as dos reais problemas que atingem toda a humanidade.

Estão de parabéns todos os lutadores que, servindo-se de armas que em vez de pólvora carregam inteligência, vêm desde há muito suportando a incompreensão dos inimigos da cultura mas também, o que é mais grave, de alguns amigos que navegam distraída-



«1) Necessidade de fundação desde já da Federação Portuguesa de Cineclubes (aberta a todos os cineclubes portugueses em actividade); 2) Necessidade de inventar neste encontro um processo prático, embora com carácter provisório, que lhe permita começar a funcionar o mais cedo possível; 3) Necessidade da revogação pelo Governo do Decreto-Lei n.º

mente no mundo das certezas feitas, dos dogmatismos e duma incorrecta dimensão da importância destas associações no campo da dinamização popular.

Espinho ficará assim para o futuro como local de encontro da unidade há tanto tempo procurada. O futuro nos dirá da importância deste 9.º ENCONTRO DE CINECLUBES.



«Nós, os portugueses, temos realmente uma capacidade de iniciativa e de trabalho notável! É extraordinário como, em tão pouco tempo, a Cooperativa Nascente conseguiu trazer a Espinho esta óptima colectânea de filmes e este conjunto de pessoas profundamente ligadas ao cinema de animação.

Estou satisfeitíssimo. Agradeço-me o entusiasmo enorme do público. O Festival não foi nada cansativo, estabeleceu-se franco convívio, contactou-se, aprendeu-se muito. Desejo manifestar o meu agradecimento e admiração pelo vosso trabalho. E só lhe digo uma coisa: saio daqui com pena que o festival não tenha durado mais tempo...».

(Artur Correia, realizador)



«A minha opinião pessoal é de que se conseguiu, antes de mais, um ambiente muito simpático e agradável. Houve alguns problemas de organização, por causa de carências financeiras (questões técnicas, sobretudo). Mas um Festival, antes de mais, é uma situação em que há pessoas e há opiniões a trocar. Houve disso aqui, com todos os géneros de pessoas, mesmo não ligadas ao cinema de animação.

Como sou realizador, ando por muitos festivais. Posso dizer que este me agradou sinceramente, e só espero que não caia nos vícios em que muitos outros já caíram».

(Martial Wannaz, suíço)

O CINANIMA

POR DENTRO

continuação da página 8

País. Foi a acomodação do muito material que ia chegando, diariamente, em grandes quantidades. Foram os filmes que à última hora ninguém sabia onde paravam: os da R.D.A. foram «aterrar» em Madrid, os de Annecy não apareciam. E quando se soube, quase no fim do Festival, que estes estavam em Lisboa foi o arranque imediato de carro para a capital na tentativa de os trazer o mais rápido possível, a tempo de serem ainda passados. Só no regresso da viagem é que um dos que os foram buscar conseguiu almoçar.

Noites inteiras a montar filmes por forma a que no dia seguinte a programação seguisse sem falhas. Horas e horas a dar à manivela num velho copador onde se policopiaram, um a um, os programas e textos de apoio das sessões. Os telefonemas constantes para Lisboa, de Lisboa, de Paris, para Paris. Tardes e noites seguidas de serviço na banca-recepção instalada no S. Pedro, fornecendo materiais, informações e simpatia. Horas e horas a revelar rolos de fotogra-

fias para permitir aos interessados ficarem com recordações do Festival. No meio disto tudo algumas ajudas preciosas. Entre outras, a dos Serviços da Câmara e a boa vontade dos empregados do Cinema S. Pedro em colaborar da melhor maneira.

Entretanto, para animar, a sensação de que a «coisa» estava a resultar, as pessoas estavam a gostar, aderiam em cada vez maior número. Tudo sem grandes ares longe das pretensões a festival aristocrata para falsas «élites», terra-a-terra, de quem e para quem sabe que as coisas valem por si e não pelos ares que tomam. A simplicidade da ambição de fazer. A sem-cerimónia de não ter complexos nem acreditar em muitos.

No fim, a satisfação pelo muito que se fez, a reflexão sobre aquilo em que se falhou. A aceitação de que nem tudo correu bem, mas o orgulho honesto de poder dizer que para alguma coisa correr mal foi preciso fazer. E fez-se. Portas se abriram, contactos se estabeleceram, perspectivas e projectos ficaram no ar. Que agora irão ser meditados e concretizados. Porque o caminho é em frente e o futuro inventamo-lo nós.

Empresa de Saneamento Básico

continuação da página 1

uma população superior a 500 habitantes. Espinho seria também beneficiado pela sua acção, tendo a ESB já estudado a criação de aterros sanitários para a zona limite dos concelhos de Gaia e Espinho, o que permitiria resolver, de forma racional e mais económica, o problema do destino a dar ao lixo recolhido.

Entretanto, não é ainda visível quando entrará a ESB em actividade. Até lá, a recolha do lixo continuará a ser da competência da Câmara, à qual há que exigir

a tomada de medidas que, pontualmente embora, vão de alguma forma ajudando a resolver a situação. Será necessário solicitar a intervenção do Estado, no apoio económico para a aquisição de equipamentos necessários. Mas, o que não pode acontecer a pretexto nenhum é deixar agravar uma situação que, se não for enfrentada com crescente consciência pelos poderes públicos e pelas populações, poderá vir a ser muito mais preocupante.

IMPOSTO COMPLEMENTAR

Durante o próximo mês de Dezembro encontra-se aberto o cofre da Tesouraria da Fazenda Pública de Espinho para pagamento do Imposto Complementar (Secção A), referente ao ano de 1976. O relaxe terá lugar 60 dias após expirar o prazo de pagamento.

DR. CASTRO REIS

ESPECIALISTA PELA O. M.
DOENÇAS DOS OLHOS
ORTÓPTICA

RUA 16 N.º 250 - 1.º - ESQ.
TELEFONE 922470 — ESPINHO

Quiosque Subterrâneo

Jornais - Revistas - Tabaco

A SUA MÃO

na passagem sob a via férrea

LIMA BASTOS

ADVOGADO

Escritório:
Largo de Camões — Telefone 96281
VILA DA FEIRA

Residência:
Av. 24 n.º 245 - 1.º — Tel. 922904
ESPINHO

Stand SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total
Agente: SACHS SIS — EFS
Tel. 9620675 — SERZEDO
V. N. DE GAIA

A MODELAR

ÓPTICA — RELOJOARIA
OURIVESARIA — OFICINAS

Rua 16 — Mercado Municipal
ESPINHO

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

ESPINHO

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

TELE-ROCHA

Electrodomésticos — Rádio e TV — Sonapágas
Instalações Eléctricas — Canalizações — Móveis e Decorações
Assistência Técnica em todo o material

Estabelecimentos: Rua 18 n.º 988 — Rua 31 n.º 469
Oficina: Rua 31 n.º 414 — Armazém: Rua 16 n.º 1005
Telefs. 920977 e 920325 — ESPINHO

PNEUS CAR

Centro de venda de pneus nacionais e estrangeiros
e assistência técnica

NÃO ESQUEÇA PNEUS CAR!

Rua 18 n.º 1010

ESPINHO



"O VIVEIRO"

Aves - Peixes
Gaiolas nacionais e estrangeiras
Aquários - Alimentação
Pombos Correios - Pintos do dia

Rua 23 n.º 51 e 52
Telef. 921622
Merc. Municipal — Espinho

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo
o serviço para homem,
senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 921823

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

FOTOGRAFIAS TIPO PASSE EM 10 SEGUNDOS

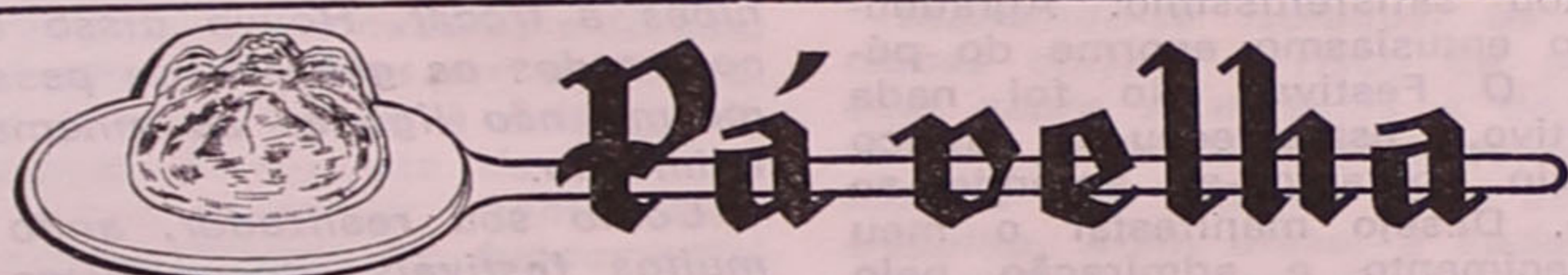
CENTRO FOTOGRAFICO

de ALVARO NUNES DE PINHO

Tudo para fotografia e Cinema - Retratos
Relojoaria electrónica

Rua 8 n.º 645

ESPINHO



Confeitaria * Charcutaria

Especializada em **caladinhos - raivinhas - fogaças** (fabrico diário)

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

Espinho, 1 - Setúbal, 1

Quando a sorte é adversa...

ARBITRO — Mário Borges (Porto), auxiliado por Óscar Neiva e Silva Pinto.

ESPINHO — Gaspar; Coelho, Gonçalves, Raul e Amaral; João Carlos, Manuel José e Carvalho (Meireles); Mória (Zezinho), Reis e Canavarro.

SETÚBAL — Vaz; Cabumba, Martin, José Mendes e Caíca; Vítor Madeira, Formosinho e Narciso; Mirobaldo (Wagner), Palhares (Libânio) e Jacinto João.

GOLOS — 1-0. Canavarro à vontade com a bola, na área sadina, atrapalhado por Cabumba que já no solo deita a mão ao esférico. Grande penalidade que REIS transforma, jogava-se há 21 minutos.

1-1 — Cabumba corre até à linha final, centra, pingando a bola junto da baliza, conseguindo MIROBALDO chegar primeiro e empurrá-la, perante uma inexplicável imobilidade de Gaspar. Igualdade estabelecida aos 48 minutos.

No início do campeonato Mário Morais teria afirmado que a sua equipa encontraria a forma ideal lá pela nona jornada. Na verdade o Espinho realizou, passados oito jogos, a sua melhor exibição, só não obtendo dois pontos porque lhe faltou um naco da sempre controversa sorte. Isto não quer dizer que os setubalenses de Fernando Vaz encostaram-se à sombra da bananeira, deixando que a sorte lhes fizesse o serviço. Jogaram, com serenidade, criando alguns calafrios aos adeptos locais, segurando bem o esférico, defendendo-se com energia, demonstrando que Jacinto João apesar da idade e do peso ainda tem conhecimentos futebolísticos de alto nível para dar e para vender, que Mirobaldo sabe aproveitar as oportunidades e que José Mendes ainda é um defensor-central, dos melhores cá do reino na especialidade.

Todavia os tigres jogaram mais, atacaram intensamente, bem servidos por um meio campo a fun-

cionar em pleno, com João Carlos (um poço de energia num corpo franzino), Manuel José (a confirmar a sua posição de «patrão» da equipa) e Carvalho (a revelar, paralelamente a uma grande força de vontade, capacidade para fazer mais e melhor), em bom plano, a destruir, a construir, a pôr os jogo nos pés dos avançados, donde se distinguiu Canavarro, sem marcar porque a sorte não o favoreceu, mas a provocar momentos de pânico no último reduto sadino. No sector defensivo, melhor os centrais que os laterais, por vezes a deixarem o flanco à disponibilidade de dianteiros da classe de Libânio e Jacinto João, estando Gaspar (apesar de pouco solicitado) uns furos abaixo do conseguido noutras tardes. Em suma, balanço altamente positivo cujo prémio mais justo seria o triunfo.

Quanto ao árbitro, deixou o jogo enveredar, em certos momentos, por caminhos mais duros, parecendo ter-se esquecido dos car-

RESULTADOS O êxito do CINANIMA

continuação da página 1

VOLEIBOL

Seniores Masculinos
CDUP, 1 — S. C. E., 3

Seniores Femininos
CDUP, 3 — A. A. E., 0

Juniões Masculinos
S. C. E., 2 — A. A. E., 3

Juniões Femininos
Leixões, 2 — S. C. E., 3
Com esta vitória, o S.C.E. venceu sem derrotas o Torneio Aberto da Associação de Voleibol do Porto.

Juvenis
S. C. E., 3 — A. A. E., 2

Iniciados
S. C. E. (B), 3 — Esmoriz, 1
Oliveirense, 1 — S. C. E. (A), 3

ANDEBOL

Seniores
S. C. E., 22 — Pasteleira, 16

Juniões
S. C. E., 11 — Gaia, 12

HÓQUEI EM PATINS

Infantis
A. A. E., 2 — Carvalhos, 1

Iniciados
A. A. E., 6 — Carvalhos, 0

Juniões
A. A. E., 2 — Carvalhos, 0

tões no bolso do fato domingueiro. Certo na marcação de grande penalidade contra o Setúbal, mas usando critérios muito contestáveis em outras duas situações, uma para cada lado, com derrubes na grande área a Vítor Madeira e Reis.

Agora, malas aviadas até ao Estoril, onde uma equipa a sonhar com fatais precipícios irá criar dificuldades. Esperemos que as qualidades agora demonstradas, venham ao de cima e que não fiquem da banda de cá.

viraram a cara com desdém que eles não fizeram falta. Mas disso falaremos a seu tempo.

E como se tudo isto não bastasse havia a nossa «Nascente» que tinha ali o julgamento da sua capacidade. Para os que ainda duvidassem.

A NASCENTE foi capaz. A NASCENTE está de parabéns. Estão os seus sócios e todos os que nela acreditaram.

Abriam-se novos caminhos, novas perspectivas. Entre elas, o CINANIMA 78. Para fazer mais e melhor.

Pintura de automóveis

com rapidez e perfeição

Alzira Pereira de Azevedo

Garagens: SOUSA e S. PEDRO

CASA DAS CHAVES

F. S. SILVA

Fazem-se chaves
Consertam-se e modificam-se fechaduras

Rua 23 n.º 444 r/c
Telef. 922735 — ESPINHO

Restaurante ★ Snack-Bar

KATKERO

Rua 15 n.º 270 — ESPINHO

Pela primeira vez orgulha-se de apresentar duas grandiosas **NOITES DE FADO**

6.ª feira, 2 e Sábado, 3 de Dezembro de 1977 às 21,30 horas

A grande atracção do momento

América Rosa

(Gentilmente cedida pelo Restaurante Típico «O FADO»)

Manuela Moura

e ainda

Augusto José

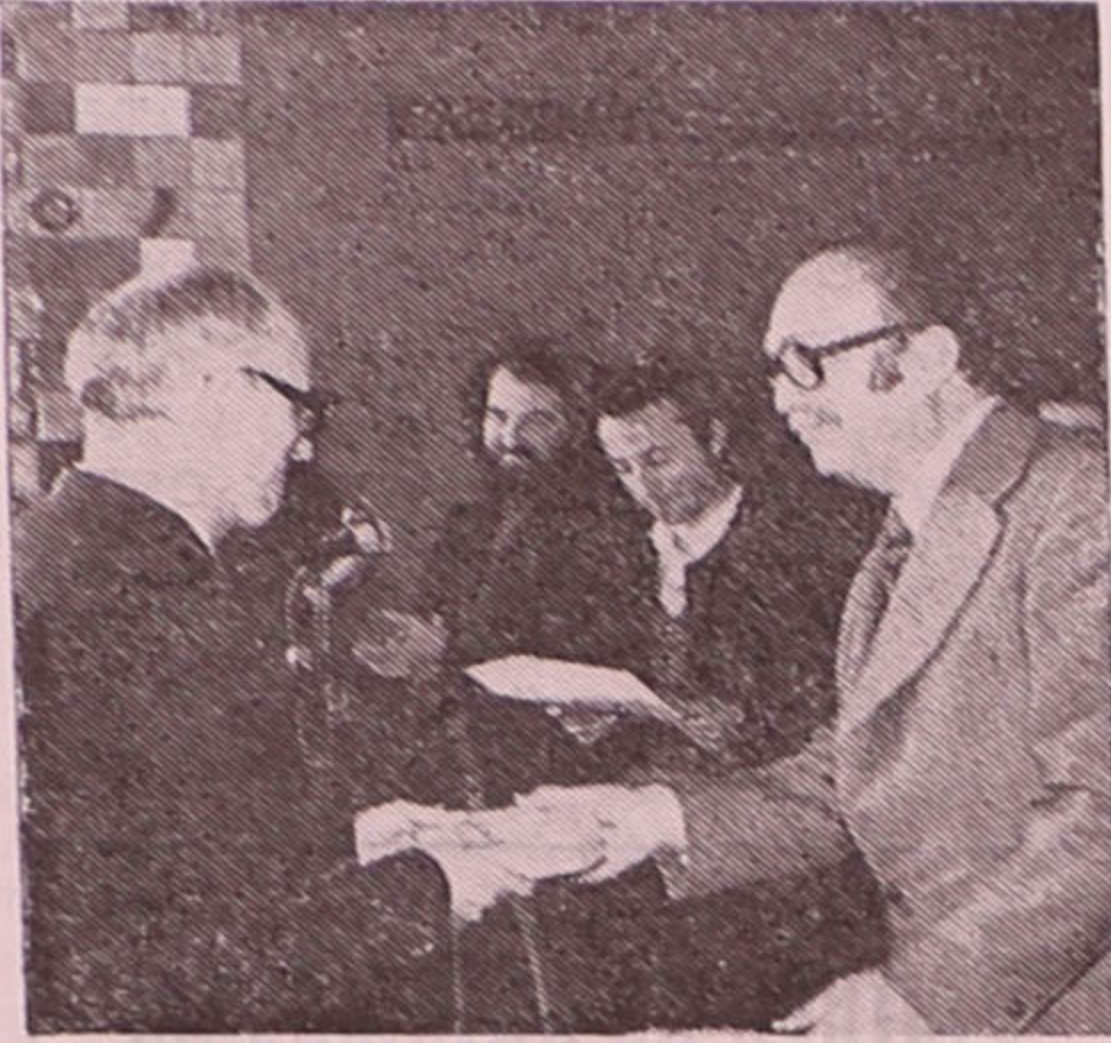
acompanhados à guitarra e à viola por DINIS SOBREIRA e JOAQUIM FELGUEIRAS

Mesas à marcação, directamente ou através do telefone 922856

RESERVADO O DIREITO DE ADMISSÃO

MARTE VIVA

OS FILMES PREMIADOS



Alves Costa (presidente), Gaston Roch, René Laloux, Hélène Blanc e Vasco Granja compuseram o júri do CINANIMA 77. Atribuíram os prémios e encontraram no público um acordo bem expresso nos aplausos da sessão de encerramento.

— *Menção especial do Júri para «FRANCO ASSASSINO» de António Pilar (PORTUGAL).* A morte do ditador espanhol em dois minutos de mordacidade e humor.

— *Menção especial do Júri para «N. N.» de Borivoj Dvornikovic (JUGOSLÁVIA).* Com um boneco apenas e um tema bem tratado, o cinema de animação pode ser uma coisa tão simples e tão conseguida!

— *Prémio da temática informação para «CHILE NO CORAÇÃO» de Jean Pierre Ader (FRANÇA).* Uma visão emotiva e de esperança acerca da queda do governo de Unidade Popular.

— *Prémio da temática didáctica para «AS MÃOS» de CUBA.* A segurança no trabalho apresentada numa forma inteligente e humorada.

— *Prémio para o filme com me-*

nos de 3 minutos: «PEQUENO ALMOÇO» de Jean Petryszyn (POLÓNIA). Um minuto e meio culminado por um desfecho imprevisto, a provocar a gargalhada mais generalizada do festival.

— *Prémio para o filme com duração de 3 a 12 minutos. Atribuído ex-aequo a: «A RUA» da norte-americana Caroline Leaf, produzido no CANADÁ.* Um trabalho em areia, de uma movimentação e efeito surpreendentes. «O PAISAGISTA» de Jacques Drouin (CANADÁ). O «écran de Aleixeff» com os seus 240 000 alfinetes a justificar plenamente os dois anos que durou a execução destes 7 minutos de filme.

— *Prémio para o filme com mais de 12 e menos de 25 minutos: «O CASTELO DE AREIA» do holandês Jacobus Heedman, produzido também no CANADÁ.* Quanto a nós, o momento mais alto do festival. Um filme extraordinário pela técnica utilizada (filmagem sobre areia), pela comunicabilidade, pela simplicidade, pela atracção irresistível que exerce sobre o comum dos mortais. Um filme feito a pensar nas crianças.



O CINANIMA POR DENTRO

O Cinanima foi aquilo que quem quis vir ver. Foram dezenas de filmes de inegável interesse artístico, foram centenas de pessoas estabelecendo um primeiro contacto sério e intenso com um tipo de cinema em geral ignorado ou mal compreendido. E também milhares de crianças mostrando que é «preciso, imperioso e urgente» pensar nelas. Foi uma festa de bom cinema, de camaradagem entre organizadores, convidados, portugueses e estrangeiros, e o público entusiasta.

Mas o Cinanima foi também aquilo que muito poucos viram: foi todo um trabalho, realizado no essencial, por um punhado de pessoas, que teve de ser feito para que o resto fosse possível. Na NASCENTE todos são amadores, não há um único emprega-

do em nenhum sector de actividades. E o Festival foi também obra daqueles que retiraram muitas das suas horas livres, para prepararem tudo, por forma a que os 5 dias de Cinanima corresse o melhor possível.

Foram meses de lenta mas segura preparação. As várias centenas de cartas escritas, o metódico trabalho de secretária e os contactos pessoais foram os primeiros passos para transformar a ideia em realidade. A lenta sensibilização que foi sendo feita junto de entidades e organizações múltiplas criou condições para que o Festival se realizasse com o impacto que teve. A Televisão fez deslocar uma equipa, a rádio não deixou também de se informar, os jornais interessaram-se pelo assunto.



OS PUTOS

O CINANIMA não foi só para gente grande. Também os miúdos foram ao cinema. E ao S. Pedro! Como seria de esperar, foi a festa! No primeiro dia ainda havia algumas cadeiras vagas. Não por desconhecimento mas... por atraso. Nos outros dias não chegaram os bilhetes (que eram gratuitos) para todos os interessados. Foram as sessões mais movimentadas, mais queridas e mais alegres do Festival! Ou não fosse o Cinema de Animação o grande eleito das crianças...

Os miúdos participaram. Não se limitaram a ver e ouvir, passivamente. Eles gostam de ter a sua opinião, gostam de criticar, gostam de dizer o que pensam. Uma vez passou um filme de que não gostaram: pois no fim ouviu-se uma pateada a sério! Um pouco por brincadeira, talvez; um pouco a sério, também. Vai longe o tempo em que as crianças eram só crianças, uma espécie de adultos diminuídos à espera da «luz» da inteligência. Vai longe o tempo em que tínhamos de gostar de todos os filmes que generosamente nos mostravam. Hoje, cada vez mais, as crianças têm e terão voz activa.

Depois do filme que desagradou veio um outro. Mais interessante, certamente. Os miúdos gostaram: imediatamente soaram montanhas de aplausos sinceros. Não era só criticar. Não era patear e assobiar para ser engraçadinho, como tantas vezes acontece nas sessões para adultos, nesses cinemas por aí fora. Era uma forma de participação, simples, divertida, à medida das crianças. A sessão era delas.

Quando veio um filme com números, ninguém ouviu nada? Os miúdos da escola sabiam os números e queriam mostrar os frutos da sua aprendizagem, em clima de festa. Foi como se estivessem a cantar: aparecia um número, chamavam-lhe pelo nome; depois outro e outro e outro, e o mesmo quanto às operações matemáticas. Aquilo fazia parte do seu saber adquirido. Era preciso gritá-lo.

No fim do último filme pediram bis. Brincadeira? Talvez não...

Houve quem não tenha gostado. Do barulho, das correrias, dos gritos, das conversas em voz alta, dos escorregões no corrimão, dos papéis no chão. Do incómodo.

Mas que se há-de fazer? A sessão era fundamentalmente deles. E mais outra coisa; os pequenos exageros sucedem apenas por falta de hábito. Quantas vezes vão os miúdos ao cinema? Quantas vezes entraram no S. Pedro? Quantos filmes já viram, de que tenham gostado? Estas sessões acontecem duas ou três vezes no ano, e mesmo essas graças aos esforços de entidades não oficiais, como é o caso da NASCENTE.

Não fazem parte dos hábitos das crianças. Ir ao cinema não é só ir ao cinema, portanto: é uma festa, uma grande festa que rompe o quotidiano numa enorme algazarra. Daí esses pequenos exageros, apenas manifestações «em estado bruto» de uma enorme alegria...

continua na página 6



PORTE PAGO

DEFESA DE ESPINHO
Rua 19,62 R/C
ESPINHO